

## LENDAS RIO - GRANDENSES

---

Para falar a verdade, o Rio Grande do Sul tem uma unica lenda sua, directamente ligada ao homem e ao solo, expressão typica do ambiente que a gerou. E' a lenda do *Negrinho do Pastoreio*. As demais que hoje conhecemos ou de que ouvimos falar em criança, são de origem guaranítica ou de fundo ibero, para aqui transplantadas pelos primeiros povoadores. Nem mesmo a lenda da *Boi-Tatá* (cobra de fogo) tão conhecida e popular, tão ao vivo descripta nos ingenuos serões da campanha gaúcha, nem mesmo essa pertence ao nosso *folk-lore*. Afóra a primeira, não possuímos, não creámos uma só que se case com o meio ambiente em que vivemos, que diga da nossa formação, do nosso passado, dos nossos costumes, que reflecta, emfim, no symbolo ou no mytho, uma época, uma existencia que fosse propriamente nossa. O que ha em verdade são adaptações, variantes apenas de outras terras e de outros povos.

Portugal e Hespanha, poderosamente auxiliados pelos aborígenes, foram os verdadeiros creadores da mythologia americana. Não ha por isso cunho local nas nossas lendas. Simões Lopes Netto, num interessante trabalho sobre o assumpto, accentuou bem a pobreza dessas ficções anonymas do povo. Com excepção apenas da do *Negrinho do Pastoreio*, as demais são mal disfarçados decalques, argumentos sobre abusões e milagres das regiões do norte do paiz, entremeados por vezes com um que outro factó do periodo das Reducções Orientaes, como é o que se formou em torno da figura do heróe indio Sepé Tiarayú. Sobre essa personagem tão intensamente ligada á historia riograndense, colheu aquelle escriptor uma linda melopéa mystico-romantica denominada *Lunar de Sepé*, que elle proprio, segundo affirma, ouvira em 1902, sofrivelmente recitada por uma velha mestiça, na picada que atravessa o Camaquã, entre os municipios de Cangussú e Eneuzilhada.

Não é propriamente uma lenda; é antes a glorificação do herói indio, a exaltação do seu valor e dos seus feitos, mesclada de um forte cunho religioso, de um mysticismo profundo, composta, quem sabe, por um dos padres da Companhia.

Está assim perfeitamente accentuada a pobreza da imaginação popular riograndense, que na construcção ideologica dos seus mythos não foi além de uma unica lenda, expressiva e bella, é verdade, mas uma só. Para tão pareca contribuição causas innumerables actuaram de um modo decisivo, crestandolhe de subido o sopro de seus sonhos e da sua fantasia, restringindo aquelles e esta á rasura erna das suas savanas. Um dos ultimos tratos do immenso territorio a ser povoado, o Rio Grande surgiu, além disso, de armas na mão, conquistando palmo a palmo a sua superficie, vivendo e morrendo na defeza constante das suas fronteiras, sem folga para pensar e crear, sem tempo mesmo para glorificar os seus proprios heróis. Facil foi, portanto, adoptar e adaptar ao meio, o que corria sobre lendas e mythos de outras terras e de outros logares.

Nesse numero estão a *Não Catharineta*, a *Salamanca do Jarau*, *Uboi-Tatá*, *Mãe d'agua* e muitas outras.

Na bella região lacustre, um dos mais pittorescos trechos da natureza do nordeste riograndense, ha um quebro encantamento que a credice do povo vem encontrando no espelho tranquillo das lindas lagôas ali existentes. Não admira, aliás, que naquella successão de lagos, as lendas se multipliquem. O segredo de suas aguas e o mysterio de suas profundidades são propiciatorios a essas ideações populares.

Manoel Fernandes Bastos, um estudioso do *folk-lore* local, possui copioso repositório de assumptos que se prendem ao caso, apanhados na viva tradição oral do povo daquellas paragens. A proposito da pequena *Lagôa Negra*, localisada nos arredores de Conceição do Arroio, conta aquelle patricio a seguinte trama lendaria: -- Um escravo muito maltratado pelo seu senhor, depois de um horrivel castigo que este injustamente lhe infligira, desesperado, resolveu fugir. A' beira da lagôa solitaria e á sombra do matto, dias depois o foram encontrar cadaver. Enforcara-se a misera creatura ao galho de uma figueira. E desde então começaram na Lagôa Negra os mysterios e aparições sobrenaturaes que ainda hoje se repetem: são gritos

estranhos; canôas brancas que cruzam as aguas em varios sentidos; cantar de gallos á meia noite, em meio da lagôa; luzes que brilham phosphorescentes nas mattas marginaes; e, sobretudo, dominando, apavorante, a solidão, o fantasma do velho escravo a percorrer aquellas paragens, mysteriosamente, ora cruzando as aguas, ora subindo ás arvores; ás vezes chorando ou dando gritos horriveis e estridentes, outras vezes, cantando commovidas canções da longinqua infancia martyrisada.

Ainda outra existe, creio que na Lagôa dos Barros, na qual, segundo o relato de antigos, apparecem em certas noites, sobre suas aguas, nymphas montando bellos corcéis brancos, enquanto que um rumor estranho quebra, nessa occasiões, o silencio, e um vento mysterioso agita a superficie das aguas até que de novo tudo cêe na mais completa quietude.

Como essa, muitas outras são familiares ao conhecimento dos habitantes da região.

Vê-se bem, entretanto, que não existe na documentação oral de taes narrativas o entrecho e a estrutura do que propriamente se pôde chamar de lenda. Falta-lhes a ligação precisa de factos ou episodios determinados. São, quando muito, superstições, encantamentos, mysterios e milagres com que ainda hoje a alma ingenua e simples do povo costuma tocar certos acontecimentos da vida. Por este lado sim, possuímos cabedal avultado, creações nossas, da nossa gente, como o *Generoso* e *Fogo Morto*, sem falar em outras historias estranhas ao meio, mas para aqui transplantadas como a *Mula sem cabeça*, o *Lobis-homem*, etc.

A lenda, ou melhor, a superstição do *Fogo Morto*, tive della conhecimento por occasião de demorada viagem através de quasi todo o Rio Grande. Certa vez, nesse longo jornadaear, notei que tanto os carreteiros como os „maioraes“ de diligencias, á hora do pouso e da sesteada evitavam sempre fazer o fogo no mesmo logar em que houvesse vestigio de um *fogão* anterior, desses improvisados *fogões* ao ar livre, na costa dos mattos e capões, como ha tantos por toda a campanha intermina.

Contou-me então um gaúcho as razões de tal cuidado preventivo : - Um carreteiro muito rico, que possuia de seu, além de dinheiro e campo, mais de cem juntas de bois invernaados, resolveu viagem longa, certa vez, batendo estradas reaes

por lançantes e taboleiros. Depois de muito andar, se decidiu á tardinha fazer pouso no costado de uma restinga.

Tocou para lá a carreta e com auxilio do peãozinho que levava desajojou os bois, sollando-os para a pastagem. Em seguida mandou trazer lenha do matto para preparar o fogo afim de assar o churrasco e requeentar a panella de feijão com xarque. Ao lado, quasi junto da carreta, encontrou os vestigios do fogão de outro carreteiro que ali tambem pousára ou sesteára na vespera. Com isso se livrou o viandante de trabalho mais longo. Aproveitou a lenha e os gravetos que se conservavam ainda accesos, entre a cinza, e, no mesmo lugar, em cima do outro fogo, iniciou o seu que logo vingou em grossas labaredas ao lado da carreta.

Mas para quê se metteu o gaúcho em aproveitar o alheio?... A desgraça começou naquella hora!... As labaredas cresceram em linguas de fogo; as linguas de fogo começaram a lamber a carreta; a carreta ardia em chammas; as chammas subiam cada vez mais, devorando tudo. O peãozinho e o carreteiro corriam que nem veado, para o arroio, trazendo agua e atirando ao fogo. Mas este crescia mais violento ainda, sem que toda a agua do arroio dêsse para apagal-o. Só quando o arroio seccou foi que o fogo tambem se extinguiu, depois de ter reduzido sua presa a um grande monte de cinzas. O rico carreteiro sahiu como louco, campo fóra. A desgraça, porém, não parou nisso: desde esse dia malfadado, os bois começaram a pestear e a morrer; o dinheiro desapareceu da casa, roubado; a mulher sumiu-se, sem que até hoje se saibam nóvas de seu paradeiro. E o homem, que fóra rico, muito rico, morreu na miséria, perseguido á hora da agonia por apavorantes visões transformadas em linguas de fogo, lambendo-lhe o corpo todo.

Desde esse dia, então, todos os carreteiros que tiveram noticia do triste factó acontecido nunca mais fizeram fogo no lugar que foi fogão de outro...

Essa é a lendaria historia já por mim registrada em modesto trabalho anterior.

Lendas de fundo indigena innumeradas revivem ainda n'alguns pontos da nossa campanha. Sobre a Lagôa Parobé, por exemplo, existente entre Itapevy e os campos de Alegrete, corre a lenda do *Cavallo encantado*, já archivada por Appolli-

nario Porto Alegre na sua grande obra inedita „Popularium Sul-Riograndense“.

Em fins do seculo XVIII erravam naquella rica região campezina innumerous indios cavalleiros da tribu dos valentes *Minuanos*. Entre elles, havia o filho de um cacique, moço muito invejoso, chamado Jaguareté-Piré (*couro de tigre*). Este indio amava apaixonadamente a linda e esquiva Poty-Poran, (*Flôr bella*) amada tambem por Inhaca-Guará (*Cabeça de passaro*) a quem a mesma preferia. Roido de despeito e de ciumes, Jaguareté-Piré deliberou fazer uma emboscada ao seu rival para matá-lo. Assim, ao passar pela Lagôa-Parobé, viu no meio de uma quadrilha de baguaes um enorme cavallo de crinas e cóla prateadas, de um pello negro, luzidio, macio como velludo. Fazendo mensão para boleá-lo, o bello animal, a principio tão arisco, parou subitamente. Após prendê-lo em seu laço, Jaguareté-Piré falou: — „Agora, sim, Poty-Poran ha de querer-me, preferindo-me ao meu rival.“ E assim dizendo, metteu as rédeas no animal, collocou sobre o lombo um couro de veado que lhe servia de sélla e, cingindo sobre a cabeça um capacete de pennas de avestruz, montou o lindo bagual seguindo em direcção ao acampamento de Poty-Poran. Não tinha, porém, caminhado meia quadra, quando o cavallo formou um salto, ou mais propriamente um vôo, e, fendendo os ares em direcção á lagôa, atirou-se no meio d'ella, desapparecendo para sempre com o cavalleiro.

Os indios da valente tribu guarany deram então á Lagôa Parobé o nome de *Lagôa do cavallo encantado*.

Eis, em resumo, a lenda que hoje, já um pouco alterada na fórma e no fundo, ainda é lembrada por alguns dos velhos moradores do local.

Remontando á mesma época tupy-guarany, temos ainda a lenda do *Cervo dourado*, que tem sua origem nas grotas do Caverá.

Como se vê, essas creações do feiticismo néo-americano, não reflectem o nosso meio ambiente: confundem-se com outras tantas lendas de outros tantos logares, daqui ou alhures, sem a caracteristica incisiva pela qual se possa julgar do sentimento religioso, das crenças, dos habitos e costumes de um povo.

O espirito gaúcho ideou apenas uma lenda de feição verdadeiramente local. Essa é a do *Crioulo do Pastoreio*.

Não repetirei aqui o seu entrecho porque não ha quem não o conheça. Amplamente estudada, largamente descripta, ellaahi anda de bocca em bocca — velha e bella tradição imperecivel. O *negrinho* é o genio alado e bemfasejo da campanha glóriaosa onde vive o gado das estancias e onde a luta de continuo se accende no entrechoque das guerrilhas. Deliciosa lenda essa, onde soffrimento e a esperança e a liberdade infinita se misturam num idealismo perfeito. Collocar sob sua guarda os objectos perdidos, é ter a certeza de que elles serão depois encontrados mediante a contribuição modesta de um pequeno coto de véla.

Quantas vezes na distante meninice humilde offereci tambem a piedosa vellinha do ritual para que de novo voltassem, á desejada posse, os brinquedos perdidos!...

A dadiva, para resultado immediato e decisivo, devia ser feita á noite, no oitão do rancho nativo, no fundo escuro do quintal ou á beira das restingas, exactamente á hora em que o espirito transido se povoava de uma multidão de fantasmas. Eram os assombramentos, as almas penadas acompanhando o genio errante do pequeno captivo sacrificado. Elle, porém, não se demorava na descoberta milagrosa. E quando mesmo seu auxilio de todo falhasse, ficava ainda na alma ingenua dos que appellavam para sua protecção éxtremada, a divina esperança que não morre...

*Roque Callage.*

---